



QUANDO O ALUNO ESCRIVE PARA SER OUIDO: A ESCRITA COMO PRÁTICA SOCIAL NO ENSINO FUNDAMENTAL

Souza, Gustavo lima de¹
Santos, Agda Maria Perreira dos²
Santos Junior, Julio Bispo dos³

GT6: Leitura, Escrita, Análise Linguística e Multimodalidade

RESUMO

Este estudo, desenvolvido em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental anos finais, em uma escola pública de Paulo Afonso-BA, buscou investigar como a produção textual pode ganhar sentido quando trabalhada como prática social e vinculada aos repertórios culturais dos estudantes. A pesquisa, de abordagem qualitativa e caráter pesquisa-ação, contou com questionário diagnóstico, observações e intervenções pedagógicas que privilegiaram gêneros próximos ao universo dos alunos, como HQs, poesias, biografias e textos ligados ao futebol e aos jogos digitais. Os resultados apontaram que, ao perceberem interlocutores reais e circulação concreta de seus textos, os estudantes passaram a se engajar de forma mais significativa, desenvolvendo autoria, autonomia e criticidade. Constatou-se que práticas de escrita ancoradas nos conhecimentos dos alunos, ampliam a motivação e a autoestima, contribuindo para a formação de leitores e escritores ativos.

Palavras-chave: Produção textual. Escrita significativa. Letramento. Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO

A escrita, enquanto prática social, é um direito linguístico e cultural que deveria estar no centro das práticas pedagógicas escolares. Pois como afirma Freire “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1989, p. 9). No entanto, no Ensino Fundamental Anos Finais⁴, essa habilidade muitas vezes é trabalhada de forma mecânica, desvinculada do conhecimento prévio dos alunos, reduzida à cópia ou à produção de textos que não ultrapassam a mesa do professor. Tal abordagem desmotiva os alunos e compromete o desenvolvimento de uma escrita com sentido, função e impacto social.

Diante disso, o presente estudo investiga como a produção textual pode ser ressignificada no Ensino Fundamental Anos Finais por meio de propostas que valorizem esse conhecimento prévio. O foco está na criação de atividades que aproximem a escrita da realidade dos estudantes, promovendo a autoria, a leitura com intenção e a participação ativa nos espaços escolares e sociais.

¹ UFAL. gustavolimadesouza27@gmail.com

² UFAL. agdamarias15@gmail.com.

³ UFAL. julio.junior@delmiro.ufal.br coordenador do PIBID Interdisciplinar.

⁴ Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), denominação utilizada nos documentos de referência do Ministério da Educação para o Ensino Fundamental de nove anos. (Brasil, 2006)





A partir da aplicação de um questionário diagnóstico em uma turma de 6º ano, em uma escola da cidade de Paulo Afonso – BA, que surgiu da necessidade de compreender o perfil leitor e escritor dos alunos, a fim de planejar intervenções mais próximas de sua realidade. As perguntas foram elaboradas de forma simples, abordando três eixos principais: hábitos de leitura, experiências com a escrita e repertórios culturais, observou-se que a maioria dos estudantes não se identifica como leitores ou escritores ativos. Dos 24 alunos analisados, apenas 10 afirmaram gostar de ler, 9 disseram que “depende” e 5 declararam não gostar. Quando questionados sobre o que costumam ler fora da escola, destacaram-se os gibis (como Turma da Mônica), redes sociais, conteúdos ligados a futebol (especialmente sobre o jogador Neymar Júnior) e temas ligados à tecnologia e jogos. Apenas 8 relataram já ter escrito algo por vontade própria.

Esses dados revelam que há um distanciamento entre as práticas escolares de leitura e escrita e os repertórios culturais dos alunos. Ao mesmo tempo, indicam possibilidades de trabalho pedagógico que partam dos interesses reais da turma, como o uso de quadrinhos, textos biográficos, poesias visuais e gêneros digitais, para potencializar a escrita como prática significativa. Nesse sentido, as reflexões de Soares (2003) sobre o letramento e de Rojo (2012) acerca dos multiletramentos, oferecem subsídios para compreender como o ensino da escrita pode se aproximar das experiências culturais dos estudantes.

Neste contexto, este relato de pesquisa tem como objetivo geral analisar como a escrita pode ganhar propósito e sentido entre estudantes do 6º ano a partir de propostas que prevejam interlocutores reais e circulação concreta dos textos. A expectativa é contribuir para a construção de um ensino de língua portuguesa mais conectado à vida dos alunos, promovendo o desenvolvimento da autonomia e da autoria na produção textual.

OBJETIVOS

Investigar de que forma práticas de produção textual com finalidade comunicativa e circulação real podem contribuir para o desenvolvimento das habilidades de escrita dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II.

Objetivos Específicos





- Compreender as práticas de produção textual existentes na turma observada;
- Analisar as atividades de escrita produzidas com base nos repertórios culturais dos alunos.
- Refletir sobre os impactos dessas práticas na aprendizagem e no protagonismo dos alunos.
- Propor e acompanhar práticas de produção textual com finalidades concretas e interlocutores reais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A escrita, no contexto escolar, não deve ser concebida apenas como um exercício técnico de codificação e decodificação de palavras, mas como uma prática social situada, carregada de sentidos, intencionalidades e funções reais. Essa concepção amplia a noção tradicional de ensino da escrita, que por muitos anos esteve centrada na norma culta e nos gêneros escolares padronizados, desconsiderando as experiências culturais e comunicativas dos alunos.

Segundo Freire (1989), ensinar a ler e a escrever não é um ato neutro, mas um gesto político e transformador. Para ele, o ensino da linguagem deve partir do mundo vivido pelos sujeitos, das suas falas, desejos, saberes e necessidades. Ao defender a leitura do mundo antes da leitura da palavra, Freire destaca que toda prática de linguagem é carregada de sentido social, histórico e afetivo.

Na mesma perspectiva, Soares (2003) introduz o conceito de letramento, que diz respeito ao uso social da linguagem escrita. A autora aponta que não basta alfabetizar, isto é, ensinar o sistema de escrita alfabética, mas é preciso formar sujeitos letrados, capazes de ler e produzir textos inseridos nas práticas sociais reais.

Complementando essa discussão, Rojo (2012) propõe a abordagem dos multiletramentos, compreendendo que, na sociedade atual, os sujeitos interagem com textos diversos em múltiplas linguagens, suportes e meios. Essa abordagem reconhece que os alunos já chegam à escola com repertórios próprios de leitura e escrita, que incluem redes sociais, histórias em quadrinhos, vídeos com legendas, memes (criações digitais, geralmente humorísticas, que circulam rapidamente nas redes sociais), fanfics (histórias escritas por fãs a partir de obras já conhecidas, entre outros gêneros emergentes).





Incorporar esses letramentos à sala de aula é essencial para tornar o ensino de língua mais significativo e inclusivo. Dessa forma, ao incorporar práticas de escrita com circulação real no cotidiano escolar, o professor atua como mediador entre os saberes dos alunos e os saberes escolares, promovendo uma aprendizagem mais crítica, participativa e engajada.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS

Esta é uma pesquisa qualitativa, do tipo pesquisa-ação, realizada no contexto de uma Atividade Curricular de Extensão (ACE) em uma escola pública do Ensino Fundamental Anos Finais, na cidade de Paulo Afonso – BA, com uma turma de 6º ano composta por 24 alunos. A pesquisa-ação caracteriza-se por articular investigação e intervenção, isto é, o pesquisador analisa a realidade ao mesmo tempo em que implementa ações de transformação nesse contexto, acompanhando seus efeitos e refletindo criticamente sobre eles. No caso deste estudo, adotou-se a vertente pedagógica-colaborativa da pesquisa-ação, pois buscou-se, por meio de oficinas de escrita, propor mudanças nas práticas escolares e, simultaneamente, compreender seus impactos na aprendizagem e no engajamento dos estudantes.

A pesquisa-ação desenvolveu-se em quatro etapas. Primeiro, aplicou-se um questionário diagnóstico (com questões abertas e fechadas) para mapear hábitos de leitura e escrita da turma, se leem ou não, o que leem e se são incentivados a leitura fora do ambiente escolar. Em seguida, realizaram-se observações de aulas, registradas em diário de campo, para identificar práticas já existentes. A terceira etapa consistiu na aplicação de três oficinas de produção textual (HQs, poesias, narrativas sobre futebol e jogos digitais), com uso de textos motivadores, mediação docente e socialização final dos trabalhos em leitura coletiva.

Todas as etapas seguiram os princípios éticos da pesquisa com seres humanos, respeitando a Resolução nº 510/2016. Os alunos participaram de forma voluntária e tiveram suas identidades preservadas.

RESULTADOS





A análise do questionário revelou que a maioria dos alunos não se percebe como leitora nem escritora ativa: dos 24 participantes, apenas 10 afirmaram gostar de ler, 9 responderam “depende” e 5 disseram não gostar. Entre os gêneros mais consumidos fora da escola, destacaram-se gibis (principalmente Turma da Mônica), conteúdos de redes sociais, temas ligados ao futebol e a jogadores como Neymar, além de jogos eletrônicos, animes e mangás. Apenas 8 alunos relataram já ter escrito algo por vontade própria, como bilhetes, diários e poesias, enquanto a maioria declarou nunca ter produzido textos espontaneamente. Embora 17 estudantes tenham mencionado algum incentivo familiar à leitura, esse estímulo mostrou-se insuficiente para consolidar o hábito.

A partir disso, analisamos os resultados do diagnóstico e, planejamos as intervenções específicas, de maneira que cada grupo de alunos, como destacado nos resultados do questionário, trabalhasse com a área de sua preferência. Aplicamos intervenções que buscassem ressignificar a escrita como prática social, tal como proposto por Freire (1989), valorizando o propósito comunicativo e a circulação real dos textos. As propostas dialogaram com os repertórios identificados, em consonância com a defesa freireana de que o ensino da leitura e da escrita deve partir da realidade dos sujeitos e de seus contextos.

Assim, em um período de duas aulas (1h40min), os alunos foram organizados em grupos e convidados a produzir diferentes gêneros textuais próximos de seus interesses: histórias em quadrinhos baseadas em situações do cotidiano, poesias sobre temas de sua escolha, narrativas em primeira pessoa sobre possíveis carreiras no futebol e textos criativos sobre jogos digitais, nos quais imaginaram a criação de seus próprios games. Para orientar a produção, foram disponibilizados textos motivadores relacionados a cada proposta. Uma história em quadrinhos da turma da Mônica, uma poesia romântica, a biografia do jogador Neymar Junior e um texto sobre jogos digitais e como eram idealizados. Durante o processo, atuamos como mediadores, auxiliando na organização das ideias, incentivando a criatividade e propondo momentos de revisão coletiva. Ao final, os trabalhos foram socializados em leitura compartilhada, valorizando a circulação real das produções no espaço da turma e reforçando os conhecimentos prévios dos alunos.

Durante as oficinas, observou-se uma mudança significativa na postura dos estudantes. Muitos que inicialmente declararam não gostar de escrever passaram a





participar ativamente quando perceberam que seus textos tinham interlocutores reais e objetivos concretos. O entusiasmo dos alunos ficou evidente principalmente nas atividades ligadas ao futebol e aos jogos digitais, em que mostraram maior fluidez, criatividade e disposição para revisar e aprimorar suas produções. Já nas poesias, percebeu-se o uso da escrita como expressão subjetiva, permitindo que os estudantes transmitissem sentimentos, reflexões e experiências pessoais.

O diagnóstico final, aplicado após as intervenções, evidenciou mudanças importantes. Embora nem todos tenham passado a se identificar plenamente como leitores e escritores, houve maior engajamento coletivo e valorização da escrita como prática significativa. Alunos que antes se mostravam resistentes a produção textual, agora elaboraram textos biográficos, poesias e HQs com entusiasmo. Nesse processo, confirmou-se a concepção de Soares (2003) sobre o letramento, que ultrapassa o simples domínio do código e se concretiza no uso social da leitura e da escrita, ao escrever para ser lido.

De maneira geral, os resultados mostraram que práticas de produção textual ancoradas nos interesses culturais dos alunos contribuem para a construção de autoria, autonomia e criticidade. Ao reconhecerem-se como sujeitos produtores de linguagem, os estudantes passaram a enxergar a escrita não mais como uma tarefa mecânica, mas como um instrumento de expressão, comunicação e transformação social. A experiência reforça a necessidade de que o ensino da língua portuguesa no Ensino Fundamental Anos Finais esteja conectado à vida dos alunos, dialogando com seus repertórios e criando espaços reais de circulação dos textos, como defende Freire (1989) ao afirmar que toda prática de linguagem é carregada de sentido social, histórico e afetivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa evidenciou que a escrita, quando trabalhada como prática social e vinculada aos repertórios culturais dos estudantes, ganha sentido, propósito e relevância no contexto escolar. A aplicação do diagnóstico inicial permitiu identificar um cenário de desmotivação e distanciamento em relação à leitura e à produção textual, mas também revelou interesses culturais significativos, que serviram de ponto de partida para as intervenções pedagógicas.





As oficinas realizadas mostraram que os alunos se engajam mais intensamente quando a escrita está associada a situações reais do seu dia a dia e a interlocutores concretos. Produções como HQs, poesias, biografias e desenvolvimento de games foram desenvolvidas com entusiasmo, demonstrando que a linguagem escrita pode ser compreendida como instrumento de expressão, interação e protagonismo. O compartilhamento dos textos na sala de aula fortaleceu a autoestima dos estudantes e contribuiu para que passassem a se reconhecer como sujeitos capazes de produzir e compartilhar suas ideias.

De modo geral, os resultados alcançados apontam para a importância de ressignificar as práticas de produção textual no Ensino Fundamental Anos Finais, superando abordagens meramente mecânicas e promovendo um ensino de língua portuguesa conectado à realidade dos alunos. A pesquisa reforça que práticas pedagógicas que valorizam a autoria, a intencionalidade e a função social dos textos favorecem o desenvolvimento da autonomia e ampliam as possibilidades de formação de leitores e escritores ativos e críticos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Ensino Fundamental de nove anos:** orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: MEC/SEB, 2006. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2025.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

ROJO, Roxane (org.). **Escola conectada:** os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003

